

D.F.

PLANALTINA

*A centenária cidade-satélite,
no seu dia de capital, repetirá
velha reivindicação, ao solicitar
melhor infra-estrutura de lazer*

Quando o governador José Ornellas chegar hoje cedo a Planaltina vai encontrar uma cidade-satélite bem diferente das que já visitou até agora. Diferente, no contraste dos casarões antigos em meio a modernas construções. Porque, se lhe for permitido ouvir todos os segmentos da comunidade, verá que Planaltina sofre do mal comum a toda periferia: problemas de policiamento, urbanização, infra-estrutura de lazer e tantos outros que se tornaram conhecidos do governador, nesta sua caminhada, desde que assumiu o governo do GDF. Com seus 122 anos, a parte mais tradicional da cidade convive com um dos núcleos populacionais mais carentes, que é o Setor Residencial Leste, mais conhecido como Vila Buritis. Apontado como o "primo pobre" por uns e como o "calo" do setor tradicional por outros - como diria aquele personagem do Chico Anísio - a Vila Buritis tem hoje 70 por cento de sua população carente. A cidade, como um todo, dispõe de poucas formas de entretenimento e o Museu Regional luta para envolver a comunidade em torno de importantes atividades culturais.

Para Lucimar Malaquias, membro do Conselho Comunitário e representante da Quadra 3, muita coisa há por ser feita. Mas existem as prioridades, como o projeto de urbanização. Tanto que o Conselho, representado por alguns líderes e clubes de serviço, já preparou documento a ser entregue ao governador, hoje. Fora isso, existe a esperança de que algumas quadras de esporte e um parque infantil sejam construídos logo, uma vez que a verba já existe desde janeiro. "Ocorre que muitas coisas aqui só são feitas para o aniversário da cidade. Mas nós já conversamos com o administrador, Salviano Antônio Guimarães, e ele disse que havia uma verba desde janeiro", informa Lucimar.

Ele entende que uma cidade com mais de 20 times amadores deve contar com mais áreas para a prática de esporte. O estádio Adonir Guimarães, único campo gramado, não é suficiente. O módulo esportivo, construído ao lado do Ginásio de Funções Múltiplas, conta com boas quadras mas faltam traves para futebol de salão. O ginásio, por sua vez, pode ser aberto sempre que houver qualquer atividade ligada ao governo, como o "Projeto Platéia", ou quando alguma instituição precisar se reunir.

De um modo geral, o jovem de Planaltina tem pouco para fazer, principalmente à noite. A cidade não dispõe de cinema e a rapaziada tem como opção apenas cinco casas noturnas, incluindo barzinhos e churrascarias. A falta de maior policiamento contribui para aumentar a preocupação dos moradores, embora Lucimar afirme que "Planaltina é uma das cidades mais tranquilas do DF". Outra preocupação, segundo ele, refere-se à zona boêmia: "Já pedimos uma solução e existe um projeto de mudança. A população ainda se choca muito, principalmente os que moram nas proximidades. Lá é ponto de desocupados e isto pode acarretar marginalização".

Dos 50 mil habitantes da cidade, a maior parte mora na Vila Buritis (alguns grupos não gostam do nome e pretendem fazer uma campanha para mudar as placas indicativas). Por isso, Lucimar acredita que o setor tem condição de se transformar num núcleo residencial dos mais importantes. Entretanto, isto fica difícil na medida em que a maioria é carente e não pode construir casas de alvenaria. E como o fantasma do termo de retrovenda não assusta os moradores (não existe prazo para se construir), o problema se agrava. Mas Lucimar vê uma saída:

— Acho que tudo poderia ser resolvido através da SHIS, ou mesmo na base do mutirão. Todos os moradores poderiam se unir, com ajuda de alguns órgãos, para levantar suas casas.

Festa do Divino, grupos de catira e inúmeras manifestações



O Museu deve ser um simples museu ou se tornar um centro irradiador de cultura?



Planaltina, cidade centenária, onde o tradicional e o novo convivem sem a harmonia desejada



Com sua transformação em cidade-satélite, o velho município goiano viu-se inchado por contingentes de migrantes de baixa renda

folclóricas, além da já conhecida Via-Sacra ao vivo, transformaram-se em atrações turísticas e numa das poucas opções de divertimento da população. Enquanto se aproxima o 19 de agosto, aniversário da cidade, os coordenadores da festa já se preparam, como é o caso do professor Souza Lima, responsável pela parte folclórica e presidente do Conselho Comunitário. A exemplo de todos os anos, ele já está convidando grupos de São João da Aliança, Formosa, Unai e Planaltina de Goiás, para a folia do Divino e catira. "Este ano teremos uns doze grupos", garante. Mas, além do folclore, a população vai contar, na mesma época, com uma roda de viola na praça, quando oito ou dez duplas sertanejas mostrarão suas próprias composições. Mas, como nem tudo é festa, Souza Lima diz que vai procurar aproveitar bem os cinco minutos de conversa com o governador Ornellas, hoje. "Queremos mostrar o que temos recebido, mas vamos dizer também o que precisa ser melhorado".

"INVASORES"
Na opinião de muitos jovens planaltinenses um dos fatores de desenvolvimento da cidade foi a mudança da capital para Brasília. Em escala menor, este crescimento é consequência da

criação da Vila Buritis. Entretanto, agora em grau menor, persiste ainda um certo preconceito do setor tradicional em relação a moradores do novo setor residencial. "Era como se os moradores da Vila Buritis fossem invasores", diz um jovem, lembrando que a instalação do novo setor residencial trouxe muitos benefícios e toda cidade cresceu muito em 10 anos. Agora, jovens da Vila Vicentina - tida como de melhor condição financeira - Setor Tradicional, para muitos, a área burguesa da cidade, e o "primo pobre", a Vila Buritis, podem se encontrar, falar sobre questões de natureza cultural, formar grupos de trabalho e expressar suas idéias, sem o risco de brigas e desentendimentos.

MUSEU OU CASA DE CULTURA?

O maior exemplo de que os jovens começam a se entender está na formação da Sociedade Amigos do Museu Regional de Planaltina, entidade que tem como objetivo, entre outros, estimular e desenvolver atividades culturais que possam manter o museu vivo. Recentemente, as eleições para a nova diretoria da Sociedade andou movimentando diversos segmentos da cidade e um grupo jovem detém agora o mandato por um ano. Entre os

objetivos da nova diretoria está o de transformar o velho casarão feito museu, em 74 numa casa de cultura, com atividades fora dos padrões dos museus tradicionais. Entretanto, este programa de trabalho, na opinião de membros de antigas famílias planaltinenses, pode desvirtuar o que eles consideram como verdadeiros objetivos do museu. Descontente com este fato e com a forma como seriam eleitos os novos membros da diretoria, o professor Mário César Castro retirou a segunda chapa concorrente. "Retirei porque acho a eleição por aclamação uma forma antidemocrática", disse Mário César. Filho de família tradicional, ele recorda que foi um dos primeiros a se empenhar por um trabalho dentro do museu, logo depois de sua criação. Na época o acervo do museu foi bastante enriquecido, segundo Mário, quando muitas pessoas doaram peças antigas. "Mas não sei por que, algumas peças foram sumindo e o museu ficou desacreditado. Muitas pessoas desistiram de fazer doação voltaram atrás".

Conforme explica Mário César Castro, inicialmente o prédio do museu ficou sob administração da Prefeitura local, enquanto o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação man-

teria uma programação. O primeiro administrador, "de fato", seria o professor Hildevaldo Silva, idealizador da Sociedade Amigos do Museu e criador do espaço para uma lojinha de artesanato, considerada o cartão de visitas. A Sociedade Amigos do Museu teve Mário Castro como primeiro presidente. "Eu sempre tive interesse em trabalhar pela cidade. Já dirigi 6 grupos de teatro e escrevi um livro de história sobre Planaltina", reforça ele.

— Por causa disso eu penso que o museu não pode ser desvirtuado, não se pode fazer forró lá dentro, como acontece agora. Se você observar as fotos antigas vai ver que não têm mais legenda. No entanto, elas foram feitas com muito boa vontade, com dinheiro da CEB. Acho importante fazer diferença. Casa de cultura é uma coisa, museu é outra. Acho que o espaço não pode ser usado para grupos de teatro ou forró, porque a comunidade não vai se interessar por isso. Uma casa de cultura pode ficar um mês com uma programação teatral em cartaz. O museu deveria ser o pólo das atividades culturais, mas acho a participação da comunidade irrelevante devido aos programas.

Mas para Geraldo Lima, atual presidente da Sociedade Amigos do Museu, o apoio a toda e qualquer atividade sócio-cultural, encaminhada por membros da comunidade, é uma das metas do programa de trabalho. Igualmente, a Sociedade pretende continuar estimulando o uso do museu para atividades como festa de casamentos, ensaio de grupos musicais e de teatro, cinema e encontros de entidades. Além disso, ele pretende trabalhar junto aos moradores, tentando eliminar o distanciamento existente entre os diversos setores residenciais. Aliás, esta é uma das lutas dos grupos jovens de Planaltina, que querem melhorar o museu, como afirma a diretora, Ana Cláudia. "Grande parte dos jovens são dinamizadores de cultura que descobriram este espaço tão importante e querem trabalhar com a comunidade", diz. A seu ver, o aparecimento de duas chapas para a eleição da diretoria da Sociedade já é sinal de que existe uma discussão saudável.

— A partir do museu, pode-se desenvolver um trabalho, inclusive para preservar a memória de todos nós e não apenas de uma minoria. Agora mesmo está correndo o processo de tombamento do museu e da capelinha, mas é bom lembrar que o tombamento só faz sentido se houver uma atitude paralela para dotá-lo de recursos. É importante que tenha um quadro, mas também uma forma de gerar recursos, porque do contrário o museu não tem como se manter. O museu é preciso crescer e não inchar.

Éla garante que a partir de agora a Sociedade Amigos do Museu subirá mais um degrau: "seja pela atuação de uma chapa ou pela cobrança que a comunidade fará à nova diretoria". A Sociedade, criada em 78, está sendo descoberta agora pela comunidade, na sua opinião. E se depender da turma de jovens que assumiram a diretoria, museu e sociedade vão crescer juntos.

Carlos Araújo